

Crônica e Iconog



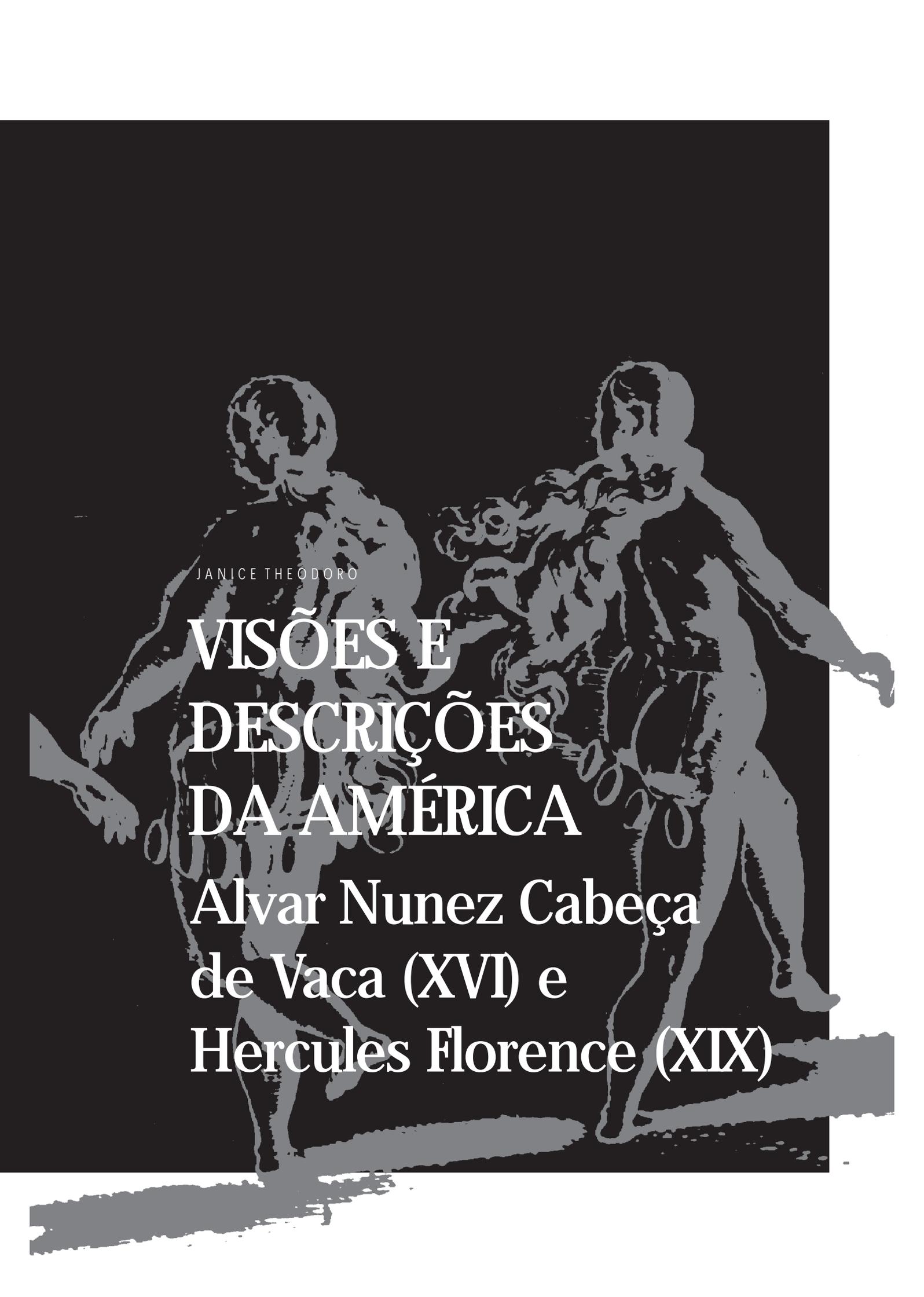
II
P A R T E

rafia dos Viajantes

66

BRASIL DOS VIAJANTES





JANICE THEÓDORO

VISÕES E
DESCRIÇÕES
DA AMÉRICA

Alvar Nunez Cabeça
de Vaca (XVI) e
Hercules Florence (XIX)

Animaís fantásticos, gabinetes de curiosidades, animais empalhados, paisagens, índios, folhas, aves, peixes, rios, cachoeiras são imagens da natureza que nos encantam pela capacidade de produzir, sobre nós mesmos, um sentimento exótico.

Surpreende-nos a exuberância do que foi a América, causa-nos perplexidade o que é, e medo do que ela será no futuro.

Como ler tantos fragmentos de épocas passadas? Para fazer este percurso contei com a presença de dois personagens que são protagonistas, direta e indiretamente, desta exposição: Alvar Nunez Cabeça de Vaca, explorador valente e criativo, típico personagem do século XVI, e Hercules Florence, desenhista viajante talhado com perfeição nos moldes do século XIX. Ambos viveram na América e participaram ativamente da feitura de uma memória americana.

Nos dois casos a experiência americana foi vivida intensamente e transformada em textos. O primeiro imaginou e o segundo escreveu e desenhou o que o olho podia captar. O primeiro compôs um texto no qual pedaços da realidade e da fantasia se misturavam.

Assim é Cabeça de Vaca, personagem que nos introduz num mundo mágico do século XVI, caracterizado por uma fauna e flora fantásticas, recolhidas de fragmentos americanos. Já o segundo, Hercules Florence, nos presenteia com desenhos e narrativas como quem procura reproduzir meticulosamente a América, enquanto objeto de sua ciência.

O que diferencia o primeiro relato do segundo? O que o olho pode captar sobre a América no século XVI e no século XIX? Estas foram as principais indagações que nortearam meu passeio pela exposição “O Brasil dos Viajantes”, cujo percurso sugere, nos seus extremos, protagonistas como Cabeça de Vaca e Hercules Florence.

Ambos queriam manter viva a memória, queriam torná-la um patrimônio capaz de explicitar mais fundamente o mundo de origem. As diferenças entre a Europa e a América permitiram, a esses dois viajantes, refletir sobre si mesmos e, assim, perceber frag-

mentariamente a presença da América depois de compreender melhor as suas próprias histórias.

A diversidade do olhar, se tomarmos como referência os séculos XVI e XIX, poderia ser explicada, equivocadamente, como um processo linear em que o homem se tornava, com o passar dos anos, cada vez mais capaz de transpor a realidade para o quadro ou para o papel.

Os objetos e as experiências alinhavados seqüencialmente deixam transparecer apenas visões da história, ou, se o leitor preferir, o percurso dos olhares nos narradores. Não se trata, portanto, de buscar um sentido, mas analisar a relação, sempre inédita, do narrador com o seu tempo; relação que torna possível caracterizar formas diferenciadas de percepção do mundo.

Nesse sentido, a distância entre as duas narrativas é significativa porque clareia os vínculos de cada personagem com o seu tempo, com a natureza e com os objetos que o cercam. Esta é uma verdadeira sintaxe que constitui a forma através da qual o mundo é concebido.

Trata-se, portanto, de compreender o sentido da imaginação criadora, capaz de fazer com que o desenhista não se preocupe com o verossímil e enverede por um universo em que a fantasia é o elemento básico para a melhor percepção do universo. Trata-se também de refletir sobre cada um dos detalhes de uma pintura que caracteriza as espécies presentes nos gabinetes de curiosidades em que a natureza é dissecada e morta, para dar, imóvel, mais vida aos ambientes requintados. E, finalmente, convém penetrar, como num sonho úmido, na imensidão dos rios, no calor da mata e, especialmente, no mundo dos insetos.

Nesse sentido, esta reflexão diz respeito aos limites históricos do olhar, ou seja, sobre os significados do que a vista pode captar, criando ou descrevendo, recortando objetos do contexto, ou compondo novos contextos. Em outras palavras, vamos falar sobre a vontade de contar ou sobre a vontade de pintar o exótico e, principalmente, sobre o que significam o gosto de inventar e o gosto de organizar.

JANICE THEODORO
é professora do Departamento de História da FFLCH-USP e autora de, entre outros, *Pensadores, Exploradores e Mercadores* (Scipione).

A IMAGINAÇÃO CRIADORA E AS DESCOBERTAS

Por que a narrativa do século XVI é sempre parte de um sonho? Os sonhos do século XVI estavam ligados ao movimento, à fuga, já que o cotidiano transcorria de forma profundamente estática e opressiva. De certa forma, imaginar também era viajar.

Por que os portugueses e espanhóis preferiram enfrentar o mar ao invés de permanecer nos feudos? Por que o fascínio pelo desconhecido? Na China, por exemplo, as viagens eram malvistas. Nada superava para um chinês o prazer de estar em casa. O ideal de cavalaria, por sua vez, envolvia o gosto pelo movimento e pela mudança, não sendo difícil adaptar o espírito epopéico, ou as visões epopéicas, às viagens de navegação ou à conquista dos territórios descobertos. Esta era uma convenção histórica bem conhecida desde a odisséia de Ulisses. Concebemos a história, concebendo viagens.

Ao se refletir sobre dificuldades enfrentadas no século XVI para deslocar-se em direção a outros continentes, torna-se claro que somente um impulso muito forte poderia levar centenas de pessoas a partir em busca do desconhecido. A fome, a falta de terras e o crescimento da população são sempre argumentos que explicam viagens e conquistas. Todo o universo de soluções estava concentrado basicamente na possibilidade de movimentos de expansão de territórios caracterizados, inicialmente, por viagens tanto por terra como por mar.

A descoberta da América é parte desse desejo de movimento e as notícias contraditórias fazem parte da manutenção do sonho. Embora fosse freqüente a morte nas viagens, também se morria por temer o desconhecido. Aqueles que preferiam ficar em casa morriam de fome ou peste tanto nos campos como nas cidades européias. A morte e o teor violento da vida (como nos fala Huizinga) eram apenas temas de tal forma próximos do cotidiano que imaginar um mundo de fartura e vida fácil tornava-se uma necessidade.

Embora apenas uma minoria enriquecesse com viagens, é a presença delas na narrativa do fantástico a mola mestra da manuten-

ção do ideal de mobilidade geográfica. O livro das maravilhas de Marco Polo representa muito bem esse universo de coisas pelo qual se anseia.

Frente a uma sociedade estática nada melhor do que uma geografia dinâmica repleta de fadas, feiticeiras, monstros, metais preciosos, natureza pródiga em alimentos. Para a mentalidade ocidental sonhar com os Outros e com a riqueza dos Outros foi uma grande invenção.

Nesse sentido, essa vontade de descobrir novos caminhos (marítimos ou terrestres) não corresponde, obrigatoriamente, a uma vontade de ver, mas a uma vontade de não ver. Francis Bacon observou com precisão: “É estranho que nas viagens por mar, onde não há nada para ver além do céu e do mar, os homens façam diários, mas nas viagens por terra, onde há tanto que observar em sua maior parte os omitem”. Portanto o descobridor é um homem que prefere o sonho à realidade; e o viajante romântico é aquele que prefere o sonho europeu de uma natureza ordenada e controlada à realidade úmida americana. A estufa natural não supera a beleza das estufas metálicas.

O esforço europeu por conhecer a América freqüentemente resulta em uma certa tranquilidade quando se constata o que se queria de início: a superioridade do Velho Mundo. Os observadores mais generosos com a América consolam os americanos considerando ser os defeitos da América provenientes da juventude do Novo Mundo.

Em outras palavras, poderíamos dizer que se trata, primeiramente, de ver com Cabeça de Vaca a alegria e a admiração típicas do mundo que Deus criou; e, depois, tentar, com Hercules Florence, organizar o mundo que Deus criou abaixo da linha do Equador. Árduo trabalho, em geral regado a sangue, suor e saudades de um mundo temperado.

AGORA, UMA PINCELADA LIGEIRAMENTE AMERICANA

Antes de informar quem são os protagonistas deste texto, convém lembrar os olhares ausentes. Os americanos conviviam entre si e com a natureza de formas variadas: de uma

maneira menos suada e mais integrada. Evidentemente, a floresta tropical não dispõe de condições para transformar-se num jardim romântico, nem botânico. Os insetos e mesmo alguns peixes, sem falar do clima quente e úmido, perturbam a reflexão dos viajantes.

A assimilação e o confronto entre diferentes grupos étnicos, a destruição e a conservação da natureza fazem parte do comportamento de alguns grupos indígenas americanos. Estes grupos desenvolveram formas de percepção e patrimônios cognitivos bastante diferenciados. Muitos viviam em meio a uma natureza marcada por um clima tropical ou subtropical sem desenvolver o gosto, como na Europa, de reproduzir imagens especulares da natureza, supondo ser este um caminho para o controle do universo em que viviam.

Mas vale a pena notar que muitos grupos indígenas souberam produzir conhecimento e desenvolver formas de contato com a natureza extremamente complexas. Possuíam um conhecimento profundo de astronomia e matemática, com calendário mais perfeito que o europeu do século XVI, como também desenvolveram técnicas agrícolas capazes de permitir a produção de excedentes para sua sobrevivência.

Portanto, é tema desta exposição o desejo, basicamente europeu e não americano, de ver a nossa própria imagem refletida, sem que ninguém pudesse indagar a relação entre o canibalismo ritual e a necessidade cristã de receber o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Antes de iniciar minha apresentação sobre o que Cabeça de Vaca e Hercules Florence viram na América, gostaria de lembrar que muito do que se referia ao Outro foi apagado, para tornar possível uma determinada memória, uma determinada história e um determinado desenho. E, nesse sentido, a ausência também é tema.

QUEM FOI ALVAR NUNEZ CABEÇA DE VACA?

Alvar Nunez Cabeça de Vaca, autor de *Naufrações* (1592), viajou pela Flórida em uma expedição cujo fracasso afastou dos sobreviventes a possibilidade de concebê-la

como obra de conquista. Cabeça de Vaca foi capturado pelos índios e passou a viver com eles interagindo com as culturas indígenas de forma bastante complexa. Por ter se tornado prisioneiro e, depois, pela forma de convívio que estabeleceu com os indígenas, dizemos que sua viagem foi marcada pelo fracasso. De qualquer forma, Alvar descobriu, e de sua maneira conheceu, como poucos, uma vasta região – sul dos Estados Unidos, hoje. Seu relato contém percepções muito ricas e com características bastante singulares.

Cabeça de Vaca partiu no dia 17 de junho de 1527, com cinco navios e com cerca de seiscentos homens, sendo ele o tesoureiro da expedição. Sua viagem durou de 1527 até 1537. Os antecedentes de colonização da Flórida não eram melhores. Ponce de León e Diego de Miruelo foram alguns dos seus antecessores malsucedidos. De qualquer forma, entre 1512 e 1562 muitos conquistadores tentaram se apossar da Flórida sem conseguir realizar tal objetivo.

Talvez uma das questões mais delicadas e estimulantes, para se pensar o significado da expedição de Cabeça de Vaca, seja o que é diferente entre seu relato e o de Cortés. Ou seja, devemos compará-lo com homens do seu tempo e que por motivos circunstanciais foram obrigados a olhar o mundo por janelas distintas. Ambos são frutos do Renascimento; ambos desejam europeizar a América e o mundo.

Mas nós conhecemos basicamente a experiência de Cortés, que tornou possível a constituição de um discurso épico para o qual a natureza (entenda-se aí natureza e população indígena) e a conquista correspondem exatamente à expectativa européia: a civilização domina e subjuga a barbárie, através de narrativas bem conhecidas, qual sejam, a epopéia e a tragédia.

O texto de Cabeça de Vaca, *Naufrações*, nem sempre dispõe de condições para se adaptar aos modelos narrativos da época, que levam o autor a escapar de algumas soluções convencionais como, por exemplo, vincular indígenas e europeus a imagens de civilização e barbárie (marcadas especialmente pela antropofagia).

Cabeça de Vaca amplia a seu modo, no

mundo dos homens índios, a própria percepção do cristianismo. Suas soluções ao ser identificado como feiticeiro pelos indígenas são engenhosas. Nesse sentido, a experiência de Cabeça de Vaca significa um certo caminhar em direção inversa ao texto europeu, exatamente porque ele é também um inventor.

O fracasso atribuído à expedição da qual participa significa a impossibilidade de constituir o seu relato como continuidade de um texto épico. Ele não vence e não é vencido. A percepção de Cabeça de Vaca em sua viagem é difícil de ser analisada porque a questão central é a aproximação e não o confronto entre europeus e indígenas.

Seu texto indica a capacidade de um naufrago, não apenas de se aproximar, mas de se misturar, confundindo em suas lembranças o que ocorreu; interferindo na história de acordo com expectativas indígenas e encerrando a vida como religioso em um convento europeu.

Os dissabores da viagem de Cabeça de Vaca correspondem à fertilidade do seu texto. Seu trajeto foi vasto. Viajou cerca de 18.000 quilômetros; de fato conheceu Sierra Madre, Sinaloa e Culiácan. Depois de tanto peregrinar e viver entre os indígenas, Cabeça de Vaca retorna à Espanha onde o imperador o nomeia como Adelantado do rio da Prata, tendo como missão encontrar possíveis sobreviventes da expedição de Pedro de Mendonza.

Sobre sua experiência na América do Sul, temos notícias através dos *Comentários* (1555) deixados pelo seu secretário Pedro Hernández. Em 1541, Cabeça de Vaca desembarca em Santa Catarina para depois dirigir-se para Assunção. Cabeça de Vaca viverá muitos conflitos que acabarão por conduzi-lo preso à Espanha em 1545. E, embora exponha uma *Relacion General de sus Hechos, como Apologia de su Conducta y Censura de sus Enemigos*, não consegue evitar a pena de privação do ofício e desterro para Orán. Em 1555, segundo indicam seus escritos, Cabeça de Vaca está em Sevilha, tendo se tornado monge no final de sua vida. A data da sua morte é imprecisa. Para alguns faleceu em 1557, para outros, em 1564.

A narrativa de Cabeça de Vaca e, especi-

almente, a sua experiência de vida na América caracterizam de maneira decisiva a sua capacidade de misturar. Cabeça de Vaca torna-se feiticeiro e agradece a Deus. Aprende línguas indígenas intercalando formas diferenciadas de percepção dos mundos. Essa tendência de mesclar não será privilégio seu.

As imagens produzidas na Europa sobre a América mostram o caminho percorrido pela memória e pelo esquecimento, capazes de processar a mistura. A coleção de desenhos do gravurista Theodor (Dietrich) de Bry e de seu filho Johann Theodor de Bry que viveu na Europa é um exemplo claro. Mulheres de cabelos ondulados, animais representados de forma incorreta (se considerarmos a intenção de cópia), índios vestidos com penas adaptadas a indumentárias européias, etc. Quem são eles e quem somos nós?

O resultado desses primeiros anos de confrontos e convívios entre Europa e América é a descoberta da capacidade conjunta de invenção, transformação e criação, tanto da Europa como da América, de ambos os acervos culturais.

Agora convém fazer um retrato de outro escritor mais dado às descrições do que às invenções.

QUEM FOI HERCULES FLORENCE?

Nascido em Nice no ano de 1804, Hercules Florence veio para o Brasil em 1824. Como segundo desenhista, participou da expedição científica do barão George Heinrich von Langsdorff pelo interior do Brasil, de setembro de 1825 até março de 1829. A expedição partiu do porto fluvial de Porto Feliz, dirigindo-se para o norte, tendo como meta o Guaporé, o Mamoré e o rio Madeira.

O Barão foi escolhido pelo czar Alexandre I da Rússia para descrever cientificamente regiões do interior do Brasil. Como exercia a função de cônsul geral na cidade do Rio de Janeiro, evidentemente, seu trabalho pôde ser facilitado.

A sua formação de botânico, zoólogo e médico auxiliou na formação de um grupo capaz de desempenhar os estudos técnicos e científicos em regiões de difícil sobrevivência. O empreendimento contou com a partici-



Theodore de Bry,
gravura em cobre
que ilustra o
America Pars I
(Frankfurt, 1590),
Biblioteca
do IEB-USP

pação de botânico, zoólogo, desenhistas e astrônomo. Encerrada a viagem, foi enviado para São Petersburgo um herbário com cerca de 60.000 espécimes.

O segundo desenhista da expedição, Hercules Florence, preocupou-se em relatar a viagem sem ser ele o responsável por essa tarefa. Sua narrativa, como diz Taunay, pôde ser mais desprezível, mais identificada com a “magnitude do que o abalava” e que, evidentemente, também resultava da sua condição primeira, que era de desenhista.

Para além do que a sua biografia pode nos dizer, convém analisar a distância entre o olhar dos séculos XVI e XVII e o seu olhar sobre a América.

Seu texto representa um esforço passível de confirmar se o que foi dito anteriormente é verdadeiro ou não e de aliar a sua visão e procedimentos que lhe permitiria conceber um mapa em que as proporções fossem corretas.

“Deixo aqui notado que, para a inteligência perfeita dos nomes e lugares por mim citados, convém ter debaixo dos olhos o

mapa inglês da América do Sul, publicado por Arrowsmith em 1810. Muitas vezes tive ensejo de apreciar quão exatamente estão nele marcadas as localidades por que passei. Muitas existem que não vêm mencionadas; outras o são erradamente, entretanto de quantas cartas depois cotejei, é esta a que mais se chega à verdade” (p. 38)

Através desse seu desejo de ordem, de busca de tudo o que é organizável, Florence parte em direção inversa daquela seguida por Cabeça de Vaca, para quem cada gesto do cotidiano indígena era surpreendente. Trata-se de eliminar, definitivamente, o caos, elemento subversivo que escapa às interpretações correntes, permitindo a manutenção de domínios fragmentados, múltiplos, a partir dos quais os indígenas estabeleciam linhas de correlação.

“Estos y los de más atrás nos contaram una cosa muy estraña, y por la cuenta que nos figuraron parecia que avia quinze ou

diez y seis anos que avia acontecido, que dezian que por aquella tierra anduvo un hombre que ellos llaman mala cosa, y que er pequeno de cuerpo y que tenia barvas, aunque nunca claramente le pudieron ver el rostro, y que cuando venía a casa donde estaban, se les levantaban los cabellos y temblaban y luego parecía a la puerta de la casa un tizón ardiendo, e luego aquel hombre entrava y al que quería dellos...”

CABEÇA DE VACA, HERCULES FLORENCE E A ÁGUA

Hercules Florence procura a verdade, e, para encontrá-la, constrói primeiro o seu distanciamento com o que vê. Cabeça de Vaca segue um caminho bem diferente. Ele anseia, por exemplo, que os índios venham a crer em Deus, que os livrará dos males, que a ele são descritos. A preocupação de Cabeça de Vaca não é dizer a eles que estão sonhando. Ao contrário, trata-se de fazê-los sonhar mais incluindo Deus em seus sonhos. É um exercício de aproximação com a América e com os americanos sem nenhuma raiz comprometida com um conhecimento positivo e isolado dos fatos.

Hoje, poderíamos pensar ser ingenuidade do autor, mas teríamos dificuldade em compreender o momento fantástico que este encontro representa. É um momento em que universos de significações diversas se aproximam, buscando uma autocompreensão que se dá através da produção de imagens e imaginários fantásticos e, até, reais.

A proposição de São Tomás de Aquino de que “as coisas eternas e as coisas contingentes são, por igual, reflexos da idéia divina” nos mostra como era fértil, para a leitura, a ação divina na natureza. Ela era o espaço no qual as coisas todas se inter-relacionavam, enquanto para a ciência o esforço era inverso.

Cabeça de Vaca desfrutou de uma grande liberdade para compreender, a seu modo, a presença de Deus, incluindo os indígenas, com todas as suas diferenças, na grande ficção tão bem representada pelo seu texto, que teve como base a sua maneira pessoal de conceber o cristianismo.

Hercules Florence realiza o esforço in-

verso, já que seu objetivo, ao pôr ordem no caos americano, é separar seguindo os critérios estabelecidos pelos europeus. As coisas do Novo Mundo são distintas das coisas do Velho Mundo e, a esta diferença desenhada, corresponderão visões de uma América inferior e débil.

Seguindo o rumo da “objetividade” europeia cito algumas constatações fruto do trabalho sistemático de muitos observadores:

1) para Montesquieu seria difícil manter instituições livres em climas quentes;

2) para Buffon as espécies quadrúpedes são muitíssimo menos numerosas no Novo Mundo que no Velho: 130 no Velho e apenas 70 no Novo Mundo;

3) os animais indígenas são poucos e de escassa corpulência, também segundo Buffon;

4) a deficiência canora das aves americanas explica-se em função do clima úmido (...) prejudicial para os órgãos sexuais dos pássaros (A. Gerbi, p. 63);

5) para Chateaubriand, temos “gente desventurada em terra esplêndida”. Na América os homens são moles e mesquinhos porque a terra é vigorosa e pródiga. À medida que a terra vai sendo menos, os homens vão levantando a cabeça (idem, p. 542);

6. e, para Hegel, “o calor faz resplandecer a cor das plantas [...]. Os animais têm cores mais escuras, mas entre as aves as mais coloridas e admiráveis são as dos trópicos, que parecem quase plantas, cuja essência própria se expressa, graças à luz e ao calor destes climas, em sua plumagem. Os pássaros do Norte não podem competir nisso, mas cantam melhor” (idem, p. 542).

Peço água e respiro fundo, aliviada por não sermos iguais, por não pensarmos igual. Talvez a água possa nos esclarecer onde reside a diferença.

E, FINALMENTE, A ÁGUA!

Como penetrar, ainda que circunstancialmente, em um outro sistema perceptivo que considerasse o aborígine integrado no seu mundo?

Como penetrar num universo que não seja nem marcado pela convenção da ficcionalidade, nem pela convenção da veracidade



Hercules Florence, "Estudo do Céu", aquarela, coleção particular, São Paulo; na outra página, também de Hercules Florence, "Salto do Juruena (1ª folha)", aquarela negra sobre papel (1828), Academia de Ciências de Moscou

de? Como negar a presença de um sujeito? Creio que o melhor caminho é buscar um elemento sempre presente nas narrativas de viagens, desenhos e pinturas: a água.

Tomando a água como elemento a ser analisado, eu poderia caracterizar as diferentes formas de se conceber a água na natureza, de representá-la ou de traduzi-la na narrativa? A água é sempre percebida de forma similar?

Só para iniciar esta reflexão, gostaria de lembrar que em línguas indígenas, como o nahuatl, não havia apenas uma palavra para denominar água. Existem várias que sempre denominam conjuntamente a água e o movimento em um determinado contexto. Por exemplo, para dizer mar (*teóatl*), como nos lembra Sahagun, os indígenas não falavam nem em deus d'água nem em deus água, mas em água maravilhosa em profundidade e grandeza. Chamavam *ilhuicaatl* também o mar por ser a água que se juntou ao céu, e por isso também passaram a chamar o mar de água grande e perigosa, fera cheia de espumas, de montes d'água, de água salgada, ruim para beber e

onde se criam muitos animais que estão em movimento.

A palavra *teóatl* traz articulado um sistema de probabilidades pelo qual emerge um saber. A proposição desse saber está articulado com um conjunto de proposições que a palavra agrega. Quando falamos *quetzácoatl* – água como pluma verde e rica (chamam-na assim, diz Sahagun, porque é muito clara e muito boa e onde é profunda parece verde) –, pensamos na água como expressão não apenas de um sistema natural, mas também como parte de um mundo construído através de ritos a partir dos quais o grupo se organiza.

Não se trata, portanto, de perceber identidades entre a água e a serpente emplumada dos indígenas do Vale do México, mas a formação de um signo que autoriza a busca entre as coisas dispersas, substantivas às qualidades a elas vinculadas que determinam a criação da correspondência. Quem constrói a correspondência? O homem no momento mesmo da percepção. E esse processo de irradiação que aproxima as águas verdes pro-



fundas da serpente emplumada suscita movimento, ou melhor, cria sistemas perceptivos que encadeiam coisas e idéias. Coisas que, por motivos visíveis e invisíveis, podem expressar o espaço, não da assimilação cultural, mas da transculturação. Eu diria também, retomando as palavras de Amos Segalla, que estamos diante de uma língua aglomerativa no caso do nahuatl.

Fazendo uma analogia eu diria que os indígenas, ao ensinar sua língua para Cabeça de Vaca, despertaram nele a capacidade de aglomerar e, assim, ele pôde ser e acreditar ser feiticeiro e cristão ao mesmo tempo, transfigurando o monoteísmo em politeísmo, tradições só possíveis de serem conciliadas nos trópicos.

Cabeça de Vaca imagina porque é capaz de criar semelhanças. As analogias permitem-lhe aproximar e converter-se em tudo o que é diferente, sem deixar de ser cristão.

No século XIX, a linguagem dissocia, torna o mundo intransitivo, como se fosse uma galeria de animais empalhados, esqueletos, peixes, plantas e pinturas que ilustram o mundo das diferenças. A convenção da

veracidade, e não a verdade, pauta algumas vezes a conduta de determinados desenhistas e pintores. Mas é esta convenção que afasta e torna cego os homens que copiam e, assim, segregam.

A tensão fecunda, típica da natureza americana, é formada exatamente pela inter-relação entre a chamada flora, fauna e homem, que não precisa da reapresentação de si mesma para movimentar-se. A natureza americana é o inverso da classificação das espécies porque tudo nela é, a todo o tempo, movimento e inter-relação.

A natureza tornou-se objeto do homem exatamente no momento em que ele, classificando-a, pôde submetê-la às suas necessidades. O europeu combateu a exuberância quando tornou-a admirável, passível de mirar-se nela, quando a colocou na parede.

Esta exposição trabalha a beleza das formas do que não se vê e, como diz o padre Antônio Vieira: “O que se vê e não se remedeia, ainda que se esteja vendo uma eternidade inteira, ou não se vê, ou se vê como se não vira” (“Sermão da Quinta Feira da Quaresma”).